

ESTRESSORES LABORAIS ENTRE ENFERMEIROS QUE TRABALHAM EM UNIDADES DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Denyson Santana PEREIRA^a, Thamylles Sibelle Santana Lima ARAÚJO^a, Cristiane Franca Lisboa GOIS^b, José Prata GOIS JÚNIOR^c, Eliana Ofélia Llapa RODRIGUEZ^d, Valmira dos SANTOS^e

RESUMO

O estudo objetivou avaliar os estressores laborais entre enfermeiros que trabalham em unidades de urgência e emergência. Trata-se de uma pesquisa descritiva, desenvolvida em dois hospitais públicos de complexidade diferente, com 49 enfermeiros. Os dados foram coletados no período de junho a setembro de 2011. Para a avaliação dos estressores, a partir das atividades realizadas pelos enfermeiros, foi utilizada a Escala Bianchi de Stress, composta por seis domínios: Relacionamento, Funcionamento da unidade, Administração de pessoal, Assistência de enfermagem, Coordenação da unidade e Condições de trabalho. *Os dados foram analisados por estatística descritiva e realização do teste de Mann-Whitney.* As atividades mais estressantes para os enfermeiros do hospital de alta complexidade (A) estão relacionadas ao domínio Assistência de enfermagem, e, para os de média complexidade (B), ao domínio Administração de pessoal. Os enfermeiros do hospital A perceberam como atividades mais estressantes as relacionadas ao cuidado, e os do B, as relacionadas à área administrativa.

Descritores: Estresse psicológico. Enfermagem. Serviço hospitalar de emergência. Socorro de urgência.

RESUMEN

El estudio tuvo por finalidad evaluar los estresantes laborales entre enfermeros que trabajan en unidades de urgencia y emergencia. Se trata de una investigación descriptiva, realizada con 49 enfermeros de dos hospitales públicos de complejidad diferente. Los datos fueron recolectados durante junio a setiembre de 2011. Para evaluar los estresantes en las actividades realizadas por los enfermeros fue utilizada la Escala de Bianchi de Estrés constituida de seis dominios: Relacionamento, Funcionamiento de la unidad, Administración de personal, Asistencia de enfermería, Coordinación de la unidad y Condiciones de trabajo. Los datos analizados descriptivamente y con el test de Mann Whitney. Las actividades más estresantes para los enfermeros del hospital de alta complejidad (A) están relacionadas al dominio Asistencia de enfermería. Para el de media complejidad (B) fue el dominio administración de personal. Enfermeros del hospital A percibieron como actividades más estresantes las relacionadas al cuidado y los del B las actividades administrativas.

Descriptores: Estrés psicológico. Enfermería. Servicio de urgencia en hospital. Socorro de urgencia.

Título: Estresantes laborales entre enfermeros que trabajan en unidades de urgencia y emergencia.

ABSTRACT

The study aimed to assess occupational stressors among nurses working in urgent and emergency care facilities. It is a descriptive research developed in two public hospitals of different complexity degrees, with 49 nurses. Data were collected from June to September 2011. The Bianchi's Stress Scale, which is composed of six domains: Relationship, Unit functioning, Staff management, Nursing care, Unit coordination, and Work conditions was used to assess occupational stressors based on the regular activities performed by nurses. Data were analyzed by using descriptive statistics and Mann Whitney-U test. For the nurses working in the high complexity healthcare facility – hospital A the most stressful domain was Nursing care, while for those professionals working in the medium complexity healthcare facility – hospital B, Staff management was the most stressful domain. The nurses from hospital A perceived care-related activities as more stressful, while for those in hospital B administrative activities were considered more stressful.

Descriptors: Psychological stress. Nursing. Emergency service, hospital. Emergency relief.

Title: Occupational stressors among nurses working in urgent and emergency care units.

a Enfermeiro. Aracaju, Sergipe (SE), Brasil.

a Enfermeira. Aracaju, SE, Brasil.

b Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

c Advogado. Experiência em Direito do Trabalho. Aracaju, SE, Brasil.

d Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da UFS. Aracaju, SE, Brasil.

e Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Faculdade de Sergipe (FASE). Aracaju, SE, Brasil.

INTRODUÇÃO

O enfermeiro, no exercício profissional, agrega funções comuns a várias outras profissões, como: gerenciamento do setor e da equipe, educação em saúde da equipe, do paciente/cliente e família, e assistência/cuidado do paciente/cliente. Todo esse acúmulo de funções, somado às especificidades próprias do trabalho, podem desencadear estados de estresse e, conseqüentemente, interferir no trabalho, na saúde e na qualidade de vida do enfermeiro. Nesse sentido, a literatura destaca que o trabalho do enfermeiro pode ser um gerador de estresse ocupacional⁽¹⁾.

Análises sobre estresse foram iniciadas na década de 30 por um médico endocrinologista⁽²⁾, o qual tomou emprestado da física o termo *stress*, para descrever o conjunto de reações fisiológicas não específicas em resposta a um estressor e que exige uma adaptação por parte do indivíduo. Estressor foi denominado como o agente que desencadeia essa reação fisiológica. Seus estudos estimularam tantos outros, em diversas áreas da saúde, com diferentes formas de entender e abordar o conceito estresse.

Na área da enfermagem esse conceito é utilizado por teóricos que incorporam outras variáveis, além da biológica, na tentativa de compreender a pessoa e grupos de forma holística⁽³⁻⁴⁾. Estudos mostram a utilização desse termo em diversos contextos do trabalho do profissional da enfermagem⁽⁵⁾, como, por exemplo, no setor de urgência e emergência⁽⁶⁾.

Nesses setores, os profissionais que assistem pacientes em situações graves ou potencialmente graves necessitam de uma estrutura física, tecnológica e competência que favoreçam a comunicação eficaz entre os membros da equipe de saúde, assim como a resolutividade das demandas do setor. No Estado de Sergipe, a realidade vivenciada nos setores de urgência e emergência dos hospitais públicos é de condições de trabalho não adequadas, situação essa que pode comprometer a capacidade de gerenciar conflitos e a assistência ao usuário. Esse contexto, associado à capacidade pessoal de lidar com condições potencialmente estressantes, podem desencadear danos à saúde dos profissionais.

Considerando a importância de se identificar quais são os fatores mais estressantes para o enfermeiro, a partir de cada contexto de trabalho, a fim de se sugerir ações ou adequações sustentadas no serviço que possam minimizar o impacto do estresse

na vida desses profissionais, o presente estudo teve o objetivo avaliar os estressores laborais entre enfermeiros que trabalham em unidades de urgência e emergência de hospitais públicos de Aracaju, capital do Estado de Sergipe.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo transversal, com abordagem quantitativa realizado em dois hospitais públicos de Aracaju, os quais foram designados nesse estudo como hospital A e B. O hospital A é caracterizado como de alta complexidade e assiste usuários residentes no Estado de Sergipe e circunvizinhos, Alagoas e Bahia. O hospital B é de média complexidade e assiste usuários residentes em Aracaju. Destaca-se que, após o término da coleta de dados, o hospital B passou a ser uma Unidade de Pronto Atendimento.

Ambos os hospitais atendem a pacientes clínicos e vítimas de trauma de todas as faixas etárias, mas apenas o hospital A possui condições de realização de procedimentos cirúrgicos. Comparando-se o número de atendimentos realizados por ambos, a instituição A realiza um número maior, o que pode ser justificado pelo fato de ser o maior hospital público do estado e ser referência de atendimento também para cidades de estados vizinhos.

A amostra foi constituída por 49 enfermeiros assistenciais que prestavam cuidados diretos aos pacientes nos turnos matutino, vespertino ou noturno, e que trabalhavam nos setores de urgência e emergência do hospital A ou B, tendo como critérios de inclusão trabalhar há pelo menos seis meses nestes locais. Não fizeram parte da amostra os enfermeiros que trabalhavam em outras unidades, mesmo que eventualmente também assistissem pacientes na urgência e emergência. Ressalta-se que, inicialmente, fizeram parte da amostra 64 enfermeiros, porém, desses, cinco não devolveram os questionários e 10 estavam de licença médica ou de férias no período de coleta dos dados.

O estudo obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE 0057.0.107.000.11). O período de coleta compreendeu os meses de junho a setembro de 2011. Os participantes do estudo foram devidamente esclarecidos sobre a pesquisa, direitos e cuidados a eles garantidos, assegurados de que as informações obtidas não permitiriam a identificação

deles e que a não concordância em participar do estudo não implicaria em prejuízo junto à instituição. Após concordância em participar do estudo, os enfermeiros assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram utilizados dois instrumentos, um contendo dados sociodemográficos e clínicos (estado civil, se possui filhos, se tem ou já teve problemas relacionados ao estresse e se faz uso de psicofármacos) e profissionais (carga horária semanal, número de empregos, remuneração, número de pessoas dependentes da renda, tempo de trabalho na enfermagem e no hospital, desejo de mudar de área profissional, número de plantões noturnos por mês) e um segundo instrumento para a avaliação do estresse laboral.

Existem alguns instrumentos que possibilitam a avaliação do estresse no trabalho, como o Inventário de Estresse em Enfermeiros⁽⁷⁾, a Job Stress Scale⁽⁸⁾ e a Escala Bianchi de Stress⁽⁹⁾. No presente estudo foi utilizado a Escala Bianchi de Stress (EBS)⁽⁹⁾, a qual tem sido utilizada tanto em estudos realizados com enfermeiros que trabalham em Pronto-Socorro⁽¹⁰⁾, quanto em outros setores⁽¹¹⁻¹³⁾, tendo apresentado boa consistência interna, com alfa de Cronbach consideravelmente alto (0,8366)⁽¹³⁾.

A EBS foi desenvolvida e validada no Brasil por Bianchi⁽⁹⁾. Trata-se de um instrumento que tem a finalidade de identificar e classificar o nível de estresse no ambiente hospitalar de acordo com as atividades que o enfermeiro realiza. A EBS possui duas partes, a primeira visa caracterizar a amostra. A segunda é formada por uma escala composta por 51 itens, do tipo Likert, com variação de 0 a 7 pontos, onde 1 significa “pouco estressante”, 4 “nível médio” e 7 “altamente estressante”. O valor 0 (zero) indica que a atividade não é realizada. Os itens podem ser agrupados em seis domínios, possibilitando identificar os de maior intensidade e associá-los ao nível de estresse do enfermeiro. Domínio A: Relacionamento com outras unidades e supervisores (nove itens: 40 a 46, 50, 51); Domínio B: Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade (seis itens: 1 a 6); Domínio C: Atividades relacionadas à administração de pessoal (seis itens: 7 a 9, 12 a 14); Domínio D: Assistência de enfermagem prestada ao paciente (15 itens: 16 a 30); Domínio E: Coordenação das atividades da unidade (oito itens: 10, 11, 15, 31, 32, 38, 39, 47); Domínio F: Condições de trabalho para o desem-

penho das atividades do enfermeiro (sete itens: 33 a 37, 48, 49)⁽⁹⁾.

O estudo utilizou os três tipos de análises que a escala permite: *Score total*: somatório de pontos que foram diferentes de zero. O resultado pode variar de 51 (todas as atividades são pouco estressantes) a 357 (todas as atividades são altamente estressantes); *Score médio para cada item (estressor)*: somando os valores assinalados para cada item e subtraindo pelo número de zero, obtém-se o total real do estressor analisado. Dividindo o total real pelo número de respondentes que assinalaram valores diferentes de zero naquele item, obtém-se o escore médio, que pode variar de 1,0 a 7,0. *Score para cada domínio*: somando-se a pontuação total do domínio dividido pelo número de itens que o compõe, obtém-se, ao final, o escore médio. Escore igual ou abaixo de 3,0 - baixo nível de estresse; entre 3,1 a 5,9 - médio nível; igual ou acima de 6,0 - alto nível⁽⁹⁾.

Os dados foram armazenados no software Microsoft Excel Starter 2010 e analisados no Assistat. Foram realizadas análises estatísticas descritivas de frequência simples para variáveis nominais/categóricas, de tendência central (média e mediana) e de dispersão (desvio-padrão) para as variáveis contínuas. O teste Mann-Whitney para amostras independentes foi utilizado para realizar a comparação entre os grupos.

RESULTADOS

Dentre os enfermeiros participantes do estudo, dos hospitais A e B, respectivamente, a maioria possuía idade menor ou igual a 40 anos (96,7% e 78,9%), era do sexo feminino (76,7% e 73,7%), não tinha filhos (76,7% e 52,6%), tinha 10 anos ou menos de graduada (90% e 68,4%), trabalhava entre 21 a 40 horas semanais (53,3% e 52,6%), não desejava mudar de área profissional (63,3% e 57,9%), e já havia concluído algum curso de pós-graduação na área da saúde (80% e 89,5%). Dentre os cursos de pós-graduação, oito e quatro enfermeiros haviam cursado na área de urgência e/ou emergência, no hospital A e B, respectivamente. No hospital A, 33,4% dos enfermeiros possuíam companheiro e, no B, 52,6%. A remuneração média foi de 2.987,27 reais para os enfermeiros do hospital A e 4.311,95 reais para os do B. Quanto ao número de vínculos empregatícios, 40% dos enfermeiros do hospital A e 84,2% do B tinham dois ou mais vínculos empre-

gáticos. O tempo médio de trabalho na unidade foi de 1,83 anos para os enfermeiros do hospital A e 3,63 anos para os do B.

Com relação a problemas decorrentes do estresse e uso de psicofármacos, 70% dos enfermeiros referiram ter ou já os terem apresentado no passado e 20% dos sujeitos utilizavam ou já fizeram uso de psicofármacos anteriormente.

Para a avaliação do nível de estresse, foi calculada a variação do escore total da EBS. Observou-se variação de 59 a 242 pontos para o hospital A e de 84 a 276 pontos para o B.

De acordo com o escore médio de cada item, os cinco maiores estressores para os enfermeiros do hospital A foram: realizar tarefas com tempo mínimo disponível, atender as emergências na unidade, atender aos familiares de pacientes críticos e nível de barulho na unidade, elaborar escala mensal de funcionários e o ambiente físico da unidade. Enquanto que para o grupo de enfermeiros do hospital B foram: controlar a equipe de enfermagem, realizar a distribuição de funcionários, supervisionar as atividades da equipe, elaborar escala mensal de fun-

cionários, o ambiente físico da unidade e controlar a qualidade do cuidado. Os estressores “elaborar escala mensal de funcionários” e “o ambiente físico da unidade” obtiveram a mesma colocação na análise dos enfermeiros dos dois hospitais (Tabela 1).

A avaliação dos estressores por domínio nos hospitais A e B, em ordem, foi, respectivamente, assim delineada: $E < C < F < B < A < D$ e $A < B < E < D < F < C$, não havendo coincidência entre os domínios mais e menos estressantes nas instituições analisadas. Todavia, só houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre os enfermeiros dos dois hospitais nos domínios A e C (Tabela 2).

Para os enfermeiros do hospital A, os domínios Assistência de enfermagem prestada ao paciente, Relacionamento com outras unidades e supervisores, Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade, e Condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro, apresentaram níveis médios de estresse, enquanto que para os do hospital B foram os domínios Atividades relacionadas à administração de pessoal e Condições

Tabela 1 - Posição dos 10 itens mais estressantes em setores de urgência e/ou emergência, segundo os enfermeiros. Aracaju, 2011.

Estressor	Hospital A		Hospital B	
	P	M ± D.P.	P	M ± D.P.
Realizar tarefas com tempo mínimo disponível	1	5,44 ± 1,8	9	4,37 ± 2,2
Atender as emergências na unidade	2	5,37 ± 1,6		
Atender aos familiares de pacientes críticos	3	5,34 ± 1,6	8	4,47 ± 1,4
Nível de barulho na unidade	3	5,34 ± 2,3	7	4,53 ± 2,1
Elaborar escala mensal de funcionários	4	5,20 ± 1,3	4	4,86 ± 1,9
O ambiente físico da unidade	5	5,10 ± 2,3	5	4,79 ± 2,1
Controlar a qualidade do cuidado	6	4,97 ± 1,7	5	4,79 ± 1,6
Enfrentar a morte do paciente	7	4,83 ± 1,8	6	4,63 ± 2,2
Elaborar rotinas, normas e procedimentos	8	4,80 ± 2,1		
Atender as necessidades dos familiares	9	4,73 ± 2,1		
Solicitação de revisão e consertos de equipamentos	10	4,70 ± 1,9		
Coordenar as atividades da unidade			10	4,33 ± 1,4
Controlar a equipe de enfermagem			1	5,58 ± 1,5
Realizar a distribuição de funcionários			2	5,11 ± 1,5
Supervisionar as atividades da equipe			3	4,89 ± 1,5

P – Posição; M – Média; D.P. – Desvio padrão.
Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 2 - Estatística descritiva dos domínios da EBS, segundo os enfermeiros. Aracaju, 2011.

Domínios	Instituição A		Instituição B		p*
	M ± D.P.	Intervalo	M ± D.P.	Intervalo	
D	3,42 ± 1,0	1,00 - 4,93	2,91 ± 0,9	1,20 - 4,53	>0,05
A	3,40 ± 1,3	0,89 - 6,33	1,94 ± 1,0	0,78 - 5,11	<0,05
B	3,17 ± 1,6	0,00 - 6,50	2,86 ± 1,7	0,67 - 5,83	>0,05
F	3,15 ± 1,0	1,00 - 5,29	3,26 ± 1,2	2,14 - 6,86	>0,05
C	2,92 ± 1,4	0,67 - 6,50	3,95 ± 1,4	1,50 - 6,83	<0,05
E	2,65 ± 1,3	0,50 - 5,75	2,88 ± 1,2	1,38 - 5,63	>0,05

A- Relacionamento com outras unidades e supervisores; B- Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade; C- Atividades relacionadas à administração de pessoal; D- Assistência de enfermagem prestada ao paciente; E- Coordenação das atividades da unidade; F- Condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro. * Teste de Mann-Whitney.
Fonte: dados da pesquisa.

de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro que apresentam (Tabela 2).

DISCUSSÃO

No presente estudo, a maioria dos enfermeiros tinha 40 anos ou menos, sendo que no hospital A o extrato acima de 20 e abaixo de 30 anos representou 70% da amostra. Também foi observada predominância do sexo feminino, coincidindo com o perfil dos enfermeiros brasileiros^(6-7,10,13-14). Em 2010, segundo análise disponibilizada pelo Conselho Federal de Enfermagem, 88,02% dos enfermeiros do Brasil eram do sexo feminino⁽¹⁵⁾.

O avanço indiscutível que possibilitou uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho também se traduziu em sobrecarga de trabalho. Muito embora a literatura destaque, no que concerne à enfermagem, que o ambiente familiar pode funcionar para os enfermeiros como suporte para atenuar os estressores do ambiente laboral⁽⁷⁾.

A maioria dos enfermeiros possuía cinco anos ou menos de formado e não tinha especialização na área de urgência e emergência. A pós-graduação pode funcionar como redutor de estresse, na medida em que o conhecimento possibilita maior controle da situação e permite prestar assistência de melhor qualidade⁽¹⁴⁾.

A porcentagem de enfermeiros que trabalhavam mais de 40 horas semanais destacou-se, 40% e 47,4% nos hospitais A e B, respectivamente, o que se justifica pelo fato de que 40% e 84,2% dos enfermeiros dessas instituições terem dois vínculos empregatícios. Essa é uma realidade preocupante,

enfermeiros trabalhando em duas ou mais instituições de saúde, sem horário para o lazer, convívio familiar e descanso. O reconhecimento financeiro da área da saúde, com remuneração incompatível com as necessidades familiares, são fatores que explicam a dupla jornada de profissionais da área da saúde⁽¹⁶⁾.

Com relação às atividades mais estressantes, alguns dos nossos resultados corroboraram com a literatura. Em estudos realizados com enfermeiros que trabalhavam em hospitais de alta complexidade, as atividades “realizar tarefas com tempo mínimo disponível”^(10,12), “atender aos familiares de pacientes críticos”⁽¹⁰⁾, “nível de barulho na unidade” e “o ambiente físico da unidade”⁽¹²⁾ foram umas das mais estressantes, assim como no presente estudo, sobretudo para os enfermeiros no hospital A. Destaca-se que, em um dos estudos⁽¹²⁾, apenas 24,7% da amostra era composta por enfermeiros que trabalhavam em Prontos-Socorros.

O hospital A assiste a um maior número de pacientes em situações de risco de morte iminente, assim como tem um maior contingente de enfermeiros trabalhando nos setores de urgência e emergência, quando comparado ao B, características que podem explicar o motivo de “condições de trabalho para o desempenho das atividades” e “assistência de enfermagem prestada ao paciente”, terem sido os domínios em que as atividades mais estressantes, para os enfermeiros do hospital A, estavam inseridas, assim como para este último domínio ter sido considerado o gerador de mais estresse para os enfermeiros do hospital A.

O domínio, “relacionamento com outras unidades e supervisores”, foi o segundo mais estressante

para os enfermeiros do hospital A, enquanto que para os enfermeiros do hospital B esse foi o domínio gerador de menos estresse, assim como observado por outros autores que realizaram estudo com enfermeiros que trabalhavam em Prontos-Socorros⁽¹⁰⁾. Uma possível explicação é o fato de o hospital B ser menor que o A, característica que favorece a relação com outras unidades e setores.

O domínio considerado mais estressante para os enfermeiros do hospital B foi “atividades relacionadas à administração de pessoal”, sendo as atividades “controlar a equipe de enfermagem”, “realizar a distribuição de funcionários” e “supervisionar as atividades da equipe”, consideradas as mais estressantes. Nesse sentido alguns autores referem que a atividade gerencial exercida pelo enfermeiro junto à equipe de enfermagem é considerada geradora de estresse⁽¹²⁾.

O estresse tem sido investigado em diferentes áreas de atuação do enfermeiro e, independente da área de atuação, a enfermagem é considerada uma profissão estressante. A redução dos estressores apontados por aqueles profissionais não depende apenas deles e da sua equipe, mas também dos responsáveis pelo gerenciamento da instituição.

CONCLUSÕES

Nesse estudo se buscou avaliar os estressores identificados pelos enfermeiros, levando-se em consideração o local de trabalho, o que possibilitou uma visão mais particularizada e ofereceu subsídios para a realização de um plano de ação com vistas à redução do estresse vivenciado pelos enfermeiros que trabalham nas unidades de urgência e emergência pesquisadas.

Pode-se concluir que os enfermeiros dos setores de urgência e emergência encontravam-se estressados no momento da coleta dos dados, com repercussões negativas para o seu trabalho. Na análise das atividades mais estressantes, observou-se diferenças entre as instituições. Considerando os domínios, os enfermeiros do hospital A perceberam como atividades mais estressantes as relacionadas ao cuidado e do B à área administrativa.

A partir dos resultados dessa pesquisa será possível promover mudanças no serviço com vistas a atenuar o impacto dos estressores laborais na vida desses profissionais, tais como: aprimoramento profissional, menor jornada de traba-

lho, plano de carreira, maior comunicação entre gestores e trabalhadores, aumento da liberdade de tomada de decisão, reuniões para discussão de problemas e melhorias, auxílio mútuo na equipe de saúde.

A presente pesquisa teve como limitação não ter sido possível coletar os dados de enfermeiros que atuam em unidades de urgência e emergência de instituições privadas.

REFERÊNCIAS

- 1 Rocha MCP, Martino MMF. O estresse e qualidade de sono do enfermeiro nos diferentes turnos hospitalares. *Rev Esc Enferm USP.* 2010;44(2):280-6.
- 2 Selye H. *The stress of life.* New York: McGraw Hill; 1956.
- 3 Watson J. *Conceptual for nursing practice.* Norwalk: Appeton Elange; 1998.
- 4 Neuman B, Young RJ. The Betty Neuman Model: a total person approach to viewing patient problems. *Nurs Res.* 1972;21(3):385-94.
- 5 Bianchi ERF. Enfermeiro hospitalar e o stress. *Rev Esc Enferm USP.* 2000;34(4):390-4.
- 6 Ritter RS, Stumm EMF, Kirchner RM. Análise de Burnout em profissionais de uma unidade de emergência de um hospital geral. *Rev Bras Enferm.* 2009;11(2):236-48.
- 7 Stacciarini JM, Tróccoli BT. O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. *Rev Latinoam Enferm.* 2001;9(2):17-25.
- 8 Karasek R, Theorell T. *Healthy work: stress, productivity and the reconstruction of working life.* New York: Basic Books; 1990.
- 9 Bianchi ERF. Escala Bianchi de stress. *Rev Esc Enferm USP.* 2009;43(Esp):1055-62.
- 10 Menzani G, Bianchi ERF. Stress dos enfermeiros de pronto socorro dos hospitais brasileiros. *Rev Eletrônica Enferm.* 2009;11(2):327-33.
- 11 Versa GLGS, Murasaki ACY, Inoue KC, Augusto de Melo W, Faller JW, Matsuda LM. Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. *Rev Gaúcha Enferm.* 2012;33(2):78-85.

- 12 Lima GF, Bianchi ERF. Estresse entre enfermeiros hospitalares e a relação com as variáveis sociodemográfica. REME Rev Min Enferm. 2010;14(2):210-8.
- 13 Guerrer FJL, Bianchi ERF. Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidades de terapia intensiva. Rev Esc Enferm USP. 2008; 42(2):355-62.
- 14 Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. Rev Bras Enferm. 2006;59(5):661-5.
- 15 Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), Departamento de Tecnologia da Informação. Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos Regionais [Internet]. Brasília (DF); 2011 [citado 2011 Nov 01]. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/sites/default/files/pesquisa-profissionais.pdf>.
- 16 Pafaro RC, De Martino MMF. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. Rev Esc Enferm USP. 2004;38(2):152-60.

**Endereço do autor / Dirección del autor /
Author's address**

Cristiane Franca Lisboa Gois
Rua Cláudio Batista, S/N, Sanatório
49060-108, Aracaju, SE
E-mail: cristianeflg@hotmail.com

Recebido em: 13.05.2013
Aprovado em: 06.01.2014